

VIII Regiocom: comunicação, cultura e desenvolvimento regional

A comunicação tem estreita relação com a cultura regional e confronta-se, inevitavelmente, com o fenômeno da globalização, como se pôde ver nas discussões levadas a efeito por pesquisadores da comunicação social durante o VIII Regiocom - Colóquio Internacional de Comunicação, realizado pela Cátedra Unesco-Umesp de Comunicação, em parceria com a Universidade de Marília (SP), de 27 a 29 de outubro de 2003. A pluralidade de opiniões refletiu-se em mesas-redondas, painéis e grupos de trabalho, que atraíram grande número de interessados, numa “euforia positiva”, segundo o diretor da cátedra, José Marques de Melo.

A regionalização começa antes mesmo dos avanços comumente vistos como catalisadores da sociedade globalizada, como a imprensa, o rádio e a televisão. Para a palestrante Maria Cecília Guirado, o início do fenômeno situa-se já na expansão marítima do século XVI e na evolução das técnicas de impressão. A cultura no contexto da regionalização foi a tônica de todos os trabalhos apresentados, sendo ela vista como uma “potência constitutiva da sociedade”, em palavras de Antonio M. dos Santos Silva, professor da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp) e da Universidade de Marília (Unimar).

Marcado pela presença de pesquisadores de todo o Brasil e de outros países latino-americanos e europeus, o colóquio acolheu importantes contribuições, do Rio Grande do Sul (Antonio Hohlfeldt) e de Santa Catarina (Paulo Scarduelli) ao Espírito Santo (Edgard Rebouças), da Bahia (Wilson Gomes) ao Amazonas (Narciso Freire Lobo), além daquelas que vieram de São Paulo (José Marques de Melo, Anamaria Fadul, Círcia M. Kohling Peruzzo, Adolpho Queiroz, Graça Caldas) e, mais de longe, do México (José Carlos Lozano Rendón) e de Portugal (Jorge Pedro Souza), só para citar alguns dos muitos nomes que se fizeram presentes no evento.

Jorge Pedro Souza, da Universidade Fernando Pessoa (Porto/Portugal), analisou em seu trabalho a paisagem midiática da Península Ibérica, onde o numeroso leque de meios considerados regionais

sobrevive, em grande parte, com o apoio estatal e, em menor número, pela dependência de grandes e fortes grupos econômicos da mídia.

No Brasil, cujas perspectivas no que se refere à mídia regional foram analisadas por Marques de Melo e Anamaria Fadul, o cenário não é tão animador. A utilização da mídia local como forma de controle, por pequenos grupos dominantes, ocorre com poder diretamente proporcional à miséria da região envolvida. Os resultados preliminares apresentados por Fadul em relação ao Nordeste, em seu mapeamento das mídias das diferentes regiões brasileiras, revelam, principalmente, a perniciosa ação de famílias que se valem dos meios de comunicação como forma de manutenção do poder. A pesquisa ainda se acha na fase inicial, sendo objetivo da autora publicar um mapeamento nacional da mídia. Um estudo de Wilson Gomes, da Universidade Federal da Bahia, aprofundando-se nos aspectos políticos da mídia regional, e um trabalho de Maria Érica Lima de Oliveira, da Umesp, sobre a *Rede Bahia de Comunicação*, corroboraram de alguma forma a pesquisa de Fadul quanto às mídias do Nordeste.

No mosaico de reflexões feitas no colóquio, podemos definir dois lados claros: o dos pesquisadores que vêem a globalização como movimento inexorável e a rentabilidade como fator de sobrevivência da comunicação regional; e o dos pesquisadores idealistas, com a proposta de um Estado mais atuante e de uma população com um melhor nível cultural e crítico. Um confronto entre as duas visões com certeza geraria discussões acaloradas, sem perdedores.

Destacaram-se, nesse contexto, trabalhos como os de Edgar Rebouças, Cícilia M. Krohling Peruzzo, Paulo Scardueli e Graça Caldas. Rebouças preconiza a “adaptação” dos grandes grupos de comunicação às realidades locais como forma de sobrevivência, a exemplo da regionalização em outros países. Cícilia enfatiza a relação regionalização-globalização como uma relação simbiótica, na qual o local sobrevive por uma questão de identidade, como uma forma de preservação das diferenças. Paulo Scardueli apresenta como uma fórmula de sucesso a da RBS (Rede Brasil Sul de Comunicação), que desenvolveu modelos de televisão regional no sul do País. Graça Caldas, por outro lado, compartilha com os outros pesquisadores a necessidade de se preservar a comunicação regional como parte integrante da cultura e identidade locais, o que, para ela, só é viável com uma forte cooperação do Estado.

Muitos dos substantivos utilizados no evento para definir a comunicação regional e os efeitos da globalização, como dissidência, resistência e preservação, entre outros, deixam entrever um futuro sinistro

para a comunicação regional. Ela é aparentemente frágil, como a fauna e a flora da Mata Atlântica, dependendo de controle, cuidados e recursos, cujos resultados nobres dificilmente convencerão a iniciativa privada.

A esperança encontra então seu pivô no papel do Estado na difusão da cultura. Jorge Pedro mostrou que, com o incentivo estatal e um alto nível de alfabetização, no sentido de o cidadão saber ler, entender e ser de certa maneira crítico, a comunicação regional floresce e se fortalece, reduzindo o poder dos gigantes da comunicação e valorizando as culturas regionais e locais, como ocorre em Portugal e na Espanha. Outra possibilidade seria a fórmula proposta pelo atual governo brasileiro para outros setores, como a infra-estrutura e atividades sociais, mas perfeitamente cabíveis para a manutenção da cultura regional: a de envolver a iniciativa privada nestes projetos, oferecendo-lhe benefícios fiscais – em outras palavras, uma alternativa de novo dependente do Estado.

O Regiocom 2003, ao revelar a fragilidade da comunicação regional diante da esmagadora cultura de massas, deu passos significativos na busca de sua preservação. É necessário conhecer fraquezas, pontos positivos e negativos, casos de sucesso e fracassos, para que a pesquisa possa conduzir-nos a estudos e ações que não apenas nos conscientizem do definhamento de formas de expressão locais e regionais, mas também sirvam de orientação para as novas gerações, o Estado e, principalmente, os pesquisadores do futuro, muito bem representados, aliás, nos grupos de trabalhos vespertinos, prestigiados pelos mais importantes catedráticos da Comunicação Social do Brasil.

O colóquio cumpriu suas obrigações nesse cenário. E a Universidade de Marília utilizou brilhantemente a oportunidade de confirmar o seu interesse na pesquisa e no desenvolvimento, sediando de forma organizada e cativante este frutuoso evento.

Lívio Sakai

Mestrando do Programa de Pós-Graduação
em Comunicação Social da Umesp